

Caracterização do sistema de produção de suínos locais na microrregião do Curimataú Paraibano¹

Characterization of the production system of local swine in Curimataú Paraibano micro area

SILVA FILHA, Olímpia Lima²; PIMENTA FILHO, Edgard Cavalcanti³; SOUZA, Jaene Francisco de⁴; OLIVEIRA, Ângelo de Souza⁴; OLIVEIRA, Robson José Freitas⁵; MELO, Marilene⁶; MELO, Lenivaldo Manuel de⁷; ARAÚJO, Karoliny Ângela de Oliveira⁴; SERENO, José Robson Bezerra⁸

¹Parte da Tese do primeiro autor, Programa de Doutorado Integrado em Zootecnia, PDIZ/CCA/UFPB, Areia, Paraíba, Brasil.

²Zootecnista, UNEAL/ESSER, Santana do Ipanema, Alagoas, Brasil.

³Professor, CCA/UFPB, Areia, Paraíba, Brasil.

⁴Aluno de graduação em Zootecnia, CCA/UFPB, Areia, Paraíba, Brasil.

⁵Zootecnista, Laboratório de Nutrição Animal/UESB, Itapetinga, Bahia, Brasil.

⁶Técnica da ASP-TA/PB, Esperança, Paraíba, Brasil.

⁷Professor, UNEAL/ESSER, Santana do Ipanema, Alagoas, Brasil.

⁸Pesquisador, Embrapa Cerrados, Planaltina, Distrito Federal, Brasil.

*Endereço para correspondência: frutadoconde@yahoo.com

RESUMO

O objetivo com esta pesquisa foi caracterizar a criação de suínos locais e a socioeconomia praticada no Curimataú Paraibano. As informações foram obtidas através de questionário semi-estruturado aplicado a 215 criadores nos municípios: Casserengue, Cuité, Barra de Santa Rosa, Remígio e Tacima, envolvendo variáveis que foram analisadas mediante estatística descritiva e análise de correspondência múltipla, utilizando-se o pacote estatístico SAS. Verificou-se que 16%, 22,3%, 7%, 4,6%, 2,3% e 0,5% possuíam 0,03 a 1; 1,5 a 5; 5,5 a 10; 11 a 50; 50,5 a 85 e 368ha em suas propriedades, respectivamente, com uma média de 7 ha/propriedade. 91,6% dos produtores praticavam sistema extensivo com contenção; 5,1% semi-extensivo e, 3,3% criavam soltos. Computaram-se 1.100 suínos, representando 74,7%, 14,5%, 7,9% e, 2,9% dos criadores com 01 a 05, 06 a 10, 11 a 19 e, 22 a 71 suínos, respectivamente. Em relação ao tempo de permanência no setor/criação, 66,6% representou aqueles que criavam há mais de 05 anos, demonstrando experiência na região. Verificou-se a importância socioeconômica dessa criação no potencial para geração de renda, pois 11,8%, 44,3%, 43,4% e, 0,5% têm esses animais como primeira, segunda, terceira e única importância econômica, respectivamente. Além de servirem como provimento

de proteína animal, como uma cultura tradicional e preservação de recursos genéticos suínos.

Palavras-chave: modelo de criação, Nordeste brasileiro, suínos, sócioeconomia

SUMMARY

The objective with this study was to characterize the production of local swine and the social-economy practice in Curimataú Paraibano micro area. Data were obtained applying a questionnaire to 215 farmers in the cities: Casserengue, Cuité, Barra of Santa Rosa, Remígio and Tacima, involving variables analyzed by descriptive statistics and analysis of multiple correspondence, using the SAS statistical package. It was observed that 16%, 22.3%, 7%, 4.6%, 2.3% and 0.5% of the farmers had 0.03 at 1; 1.5 at 5; 5.5 at 10; 11 at 50; 50.5 at 85 and, 368 ha respectively, with a mean of 7 ha/property. 91.6% of the producers practiced extensive system with contention; 5.1% semi-extensive, and 3.3% produce loosened. Total of 1.100 swine were computed, representing 74.7%, 14.5%, 7.9% and 2.9% of the producers with one to five, six to 10, 11 to 19 and, 22 to 71 pigs, respectively. In relation to the time of permanence in the section/production of swine, 66.6% represented those production of more than five years, demonstrating experience in the area. The

importance of the social economy of this production was verified in the potential for income generation, because 11.8%, 44.3%, 43.4% and 0.5% have those animals as first, second, third or the only economical importance, respectively. Besides serving as provision

of animal protein, as a traditional culture and preservation of resources genetic swine.

Keywords: Brazilian Northeast, creation model, partner economical, swine

INTRODUÇÃO

No Brasil existem granjas que utilizam tecnologia avançada, apresentando níveis indistinguíveis dos praticados nos países desenvolvidos. Porém, limitada atenção tem sido voltada à criação de suínos como uma atividade de subsistência familiar, mas que desenvolve papel de grande importância socioeconômica, sobretudo, para os pequenos produtores rurais. Segundo Egito et al. (2004), essas populações de suínos são constituídas por raças locais que diferem das raças especializadas criadas em sistemas intensivos e com alta tecnologia.

O ano de 2006 se iniciou no Brasil sob a influência dos focos de febre aftosa e da abundante oferta das outras carnes a preços baixos, terminando o ano em uma situação bem mais confortável do que se projetava. Apesar do aumento da oferta de carne suína e dos estoques, a queda de 15,5% nos volumes exportados foi, em parte, compensada pelo aumento de 12,4% das vendas no mercado interno, segundo dados da ABIPECS (2007).

A produção que havia retomado o processo de recuperação em 2005 manteve a sua trajetória de expansão em 2006. Essa tendência persiste para 2007, sustentada pelos investimentos em reformas de instalações no campo, pelas ampliações industriais e pela construção de novas granjas e modernas fábricas. Também deram suporte à expansão da produção os investimentos em garantia da sanidade, na redução do impacto ambiental, na segurança alimentar e no bem-estar animal (ABIPECS, 2007).

A estimativa de produção total (industrial e

de subsistência) de carne suína para 2006 e 2007 no Brasil, segundo os dados de Embrapa Suínos e Aves (2006), é de 2.884,9 e 2.987 mil toneladas, respectivamente. Desse total, a estimativa de produção de carne suína de subsistência para os mesmos anos é de 393 e 390 mil toneladas, respectivamente. Já a estimativa industrial é de 2.491 (2006) e 2.597 (2007) mil toneladas. A produção industrial representa 86,9% da produção total no país e a de subsistência, apesar de menor numericamente, com 13,1%, se concentrando também nas regiões Sul e Sudeste, é bastante representativa e significativa para a população que a produz, tendo importância comercial para o Brasil.

A região Nordeste detém um rebanho muito grande, com 8,75 milhões de cabeças, correspondendo a 23% do total do Brasil, segundo dados do IBGE (2003a), e tem uma importância social e econômica expressiva para os estados dessa região.

O conhecimento dos sistemas de produção de suínos tradicionais e das medidas que se adotam para melhorá-los constituem alternativas válidas para a conservação dos recursos genéticos animais. Apesar de sua importância, o número de pesquisas e o nível de conhecimento técnico-científico a respeito dos suínos nativos são pequenos (EGITO et al; 2004). Há necessidade de se conhecer tais sistemas, pois a perda da biodiversidade mundial é motivo de grande preocupação (PÉREZ et al., 2005), até porque, segundo Buerkle (2007), pelo menos uma raça de animal doméstico tem desaparecido a cada mês durante os últimos sete anos e cerca de 20% das raças domésticas se encontram em perigo de extinção.

Os sistemas de exploração tradicional utilizados no Brasil, segundo Sereno & Sereno (2000), dependem da região, recursos humanos e econômicos envolvidos, extensão da terra e tipo do animal. Entretanto, de acordo com o IBGE, os conceitos obtidos são: (1) extensivos; (2) semi-intensivos e (3) intensivos. Nicolaiewsky et al. (1998) afirmam que, no sistema extensivo de criação, os suínos ficavam soltos, sem preocupação com produtividade ou economicidade, não havendo controle técnico sobre a criação e os animais de diferentes categorias permanecem juntos numa mesma área, e disputando, entre eles, o mesmo alimento. Na criação intensiva, acumulavam-se trabalho e capital em terreno relativamente restrito, havendo produtividade e economicidade, podendo ser utilizada para subsistência e gerando renda. Os sistemas tradicionais de produção suína permitem responder adequadamente às necessidades produtivas, mediante o aproveitamento de recursos locais e de raças, nativas e/ou melhoradas, cumprindo-se as exigências de qualidade, bem-estar animal e ambiental (APARÍCIO et al., 2004). Os sistemas extensivos de produção suína se baseiam na capacidade desses animais em aproveitar eficazmente os recursos naturais por meio de pastoreio.

Este trabalho foi conduzido com o objetivo realizar a caracterização do modelo de produção de suínos locais, na microrregião do Curimataú Paraibano, e a respectiva avaliação dos aspectos socioeconômicos.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na microrregião do Curimataú Paraibano, nordeste brasileiro, em cinco municípios: Casserengue, Cuité, Barra de Santa Rosa, Remígio e Campo de Santana (ou Tacima), representando 28% da microrregião. Foram visitados 215 criatórios

de suínos locais, onde foram aplicados 215 questionários semi-estruturados, permitindo-se a caracterização do modelo de produção das tecnologias adotadas e da situação socioeconômica das famílias produtoras.

Essa microrregião abrange uma área de 5.242 km², segundo IBGE (2006), e os cinco municípios totalizam 2.186 km². Portanto, geograficamente, foram estudados 41,7% da área do Curimataú Paraibano.

Procurou-se representar os municípios através dos rebanhos suínos de diferentes tamanhos e realidades locais dos criadores, conhecendo-se, assim, os sistemas empregados na criação de suínos, em cada situação suas respectivas socioeconomias.

Os dados coletados foram analisados por meio de estatística descritiva (quantitativos), da distribuição de frequência (qualitativos) e em relação à análise multivariada. Para a realização da tipologia de indivíduos, apoiou-se na noção de correspondência, utilizando-se o método de análise de correspondência múltipla (ACM), através do pacote estatístico SAS (1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o tamanho da propriedade encontrado neste estudo, verifica-se, no Figura 1, que 16%, 22,3%, 7%, 4,6%, 2,3% e 0,5% informaram que a área era de 0,03 a 1, 1,5 a 5, 5,5 a 10, 11 a 50, 50,5 a 85 e 368ha, respectivamente. O único produtor que informou 368ha não era proprietário, trabalhava na propriedade e podia criar seus animais ali. Dos 215 produtores, 47% não souberam informar o tamanho da propriedade. Esse percentual representava a quantidade de criadores de suínos locais na área urbana, em que os animais eram criados, geralmente, nos fundos de quintais ou ao redor da casa.

Os resultados para o tamanho da propriedade (Figura 1) indicam que a maioria dos

criadores pesquisados na região do Curimataú é considerada pequeno produtor, com uma média geral de 7ha/propriedade. Para se calcular com mais precisão essa média, eliminou-se o dado de 368ha, que representava apenas um criador e não era o proprietário, nem, tampouco, representativo da região, sendo, portanto, considerado um dado discrepante.

Observou-se que 113 criadores

produziam em área rural (53%) e 102 em área urbana (47%), evidenciando-se que a maioria dos criadores encontrados localizava-se nos sítios e arredores dos municípios, considerados como área rural.

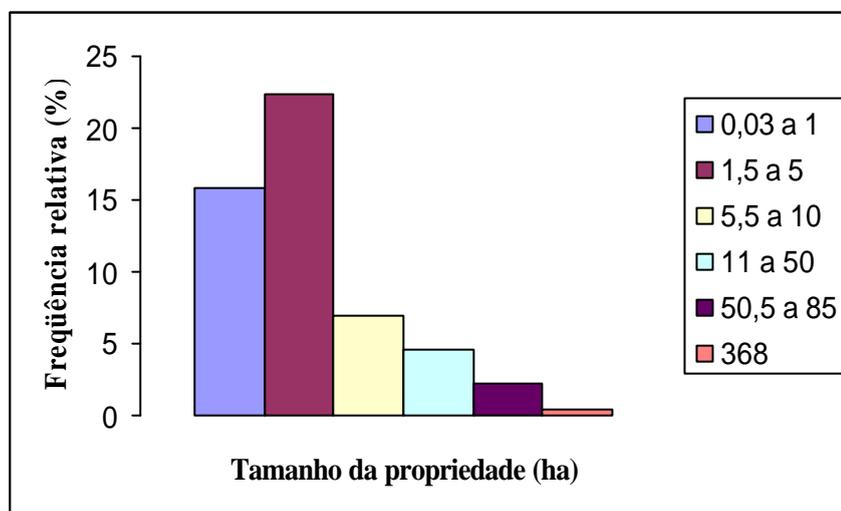


Figura 1. Distribuição de frequência do tamanho das propriedades (ha) pesquisadas no Curimataú Paraibano

Do ponto de vista conceitual, a agricultura familiar não pode ser definida a partir do tamanho do estabelecimento, pois a extensão máxima é determinada pelo que a família pode explorar com base em seu “próprio trabalho”, associado à tecnologia de que dispõe (GUANZIROLI & CARDIM, 2000). A maioria dos autores elege o uso da força de trabalho como a principal variável a ser considerada na conceituação da categoria de produtor como agricultor familiar, independentemente do tamanho da propriedade e do uso de tecnologia. Contudo, pela falta de estudos que referenciem uma classificação adequada e contextualizada voltada para a criação de

suínos locais, optou-se inicialmente em utilizar uma tipologia comum, em relação ao tamanho da propriedade, para facilitar o entendimento dimensional quando se trata dessa criação.

Portanto, para primeira elucidação dos questionamentos sobre a criação dos suínos locais, utilizou-se uma classificação simples para seus criadores, pelo tamanho das propriedades visitadas em: A) aqueles que possuíam até 5ha, os quais totalizavam 38,3%; B) de 5,5 até 10 ha, totalizando 7%; C) de 11 a 85ha, representados por 6,9%; D) os criadores que criavam os suínos em área urbana, representando 47,4%.

Essa distribuição indicou uma maioria

(72,6%) dos criatórios com pequenas áreas de terra, no máximo, chegando a 5ha, nas quais eram realizadas todas as atividades agrícolas e pecuárias, para a sobrevivência das famílias. Ao verificar a distribuição de frequência dessa maioria, notou-se que 13, 15, 11 e 17 criadores possuíam 0,5, 1, 3 e 4ha, respectivamente, concentrando-se, dessa maneira, as áreas de terra para as atividades agropecuárias.

A área média nacional dos estabelecimentos familiares é muito inferior à dos patronais, sendo 26ha e 433ha, respectivamente, apresentando também grande variação entre as regiões, relacionada ao processo histórico de ocupação da terra. Enquanto a área média entre os familiares do Nordeste é de 16,6ha, no Centro-Oeste é de 84,5ha.

(GUANZIROLI & CARDIM, 2000). A média encontrada na microrregião do Curimataú Paraibano é bem inferior, inclusive à do Nordeste, com apenas 7ha.

Foram identificadas criações coletivas em dois dos municípios pesquisados, verificando-se que os criadores de suínos locais em Cuité não eram proprietários da terra em que criavam seus animais. Já, no município Barra de Santa Rosa, ocorria o contrário: mesmo sendo a criação também em sistema coletivo, os desse município eram proprietários de seus criatórios.

Na Tabela 1, encontram-se os dados para o efetivo suinícola, localizado durante a pesquisa, e os dados oficiais referentes a esse efetivo.

Tabela 1. Efetivo suinícola encontrado, efetivo oficial, área geográfica e razão de suínos/km², para cada município estudado

Municípios	Efetivo encontrado	Efetivo IBGE (2003)	%	Área km ²	Razão Suínos/km ²	Habitantes IBGE (2005)	Razão Suínos/Hab.
1	117	341	34,3	201	1,7	7.208	0,05
2	199	1.780	11,2	735	2,4	19.435	0,09
3	252	1.650	15,3	852	1,9	12.189	0,13
4	372	639	58,2	178	2,2	14.737	0,04
5	160	365	43,8	247	1,5	8.750	0,04
TOTAIS	1.100	4.775	23,0	2.186	2,2	62.319	0,08

Legenda: 1 = Casserengue, 2 = Cuité; 3 = Barra de Santa Rosa; 4 = Remígio; 5 = Tacima.

Verificou-se que os municípios pesquisados possuíam 4.775 cabeças de suínos em 2003 (IBGE, 2006), correspondendo a 3,3% do rebanho estadual, com as razões de suínos/km² e suínos/habitante de 2,2 e 0,08, respectivamente (Tabela 1). Esses dados revelam que a produção de suínos é uma atividade pouco expressiva nos cinco municípios, especialmente quando se observa a razão suínos/habitante, o que demonstra não haver influência dessa atividade, numa avaliação macroeconômica, sobre os sistemas de produção animal. Ao contrário desta avaliação macro, verificou-se que estes poucos suínos, mantidos por

alguns criadores, fazem uma diferença positiva no orçamento familiar e no fornecimento de proteína de origem animal de boa qualidade para a própria família. Portanto, os suínos nessa região desempenham maior valor social que econômico em termos de produção animal estadual.

Toda a microrregião possuía 13.563 cabeças de suínos e uma densidade populacional de 205.892 habitantes (IBGE, 2003), representando uma razão de 0,07 suínos/habitante, enquanto que a média dessa mesma razão para os municípios estudados foi maior, com 0,08, apesar de

uma diferença insignificante. O efetivo suíno do universo estudado representou 35,2% de toda a microrregião pesquisada. Embora pareça inexpressiva a criação de suínos nos municípios estudados, verificou-se que a população pesquisada vivia em municípios genuinamente rurais, ainda que considerados como áreas urbanas, destacando-se que essa característica rural facilitava a criação desses animais, na maioria dos sítios, sempre próximos aos municípios e/ou ao redor dos mesmos, indicando uma criação exercida pela população com aproveitamento das atividades rurais.

Considerando-se as atividades rurais e a pouca expressividade dessa cultura, as famílias criadoras detêm um grande potencial para essa criação, levando-se em conta que a maioria está localizada na zona rural, possuir atividades agrícolas, que contribuem significativamente para o fornecimento de alimentação aos suínos, especialmente por serem onívoros e aproveitarem resíduos da alimentação humana, além da possível intensificação na criação sem degradar o meio, podendo ainda contribuir para a conservação dos recursos genéticos suínos do local.

Ao se observar a produção de suínos no Estado da Paraíba, tomando por base os dados do IBGE, verificou-se um declínio na produção estadual, de 301 mil cabeças, em 1990, para 144 mil, em 2004. Considerando-se a redução de mais de 50%, supõe-se a existência de maior potencial e possibilidades de intensificação na criação, pouco explorada atualmente, devido à carência de incentivos, especialmente para criadores familiares, que são responsáveis pela maioria do rebanho no Estado e também devido à necessidade de melhorias nos atuais sistemas de criação.

Baseando-se nos modelos de sistemas de criação extensivos e intensivos (NICOLAIEWSKY et al., 1998), verificou-se que 91,6% dos produtores praticavam o sistema extensivo com contenção, visto que

não se pode considerar o sistema de criação como intensivo apenas pelo fato de estarem os animais presos ou contidos por todo o período de criação. Esse caso, em que os animais são criados sem preocupação com produtividade e sem controles zootécnicos, denomina-se sistema extensivo com contenção. Os animais, nesse regime, eram mantidos presos em chiqueiros ou amarrados por cordas pela falta de área para criá-los em piquetes e, principalmente, para evitar que se embrenhassem pelos roçados da própria propriedade e dos vizinhos.

Uma parte dos produtores criava seus suínos amarrados por cordas (16,8%), outra, em chiqueiros e/ou amarrados por corda (74,3%), e o restante, em contenção total (0,5%). Entretanto, 5,1% criavam em sistema semi-extensivo ou misto: soltos e amarrados por corda e/ou em chiqueiro, enquanto que apenas 3,3% afirmaram criar seus animais soltos. Corroborando com os dados encontrados, Silva Filha et al. (2005) afirmaram que grande parte dos suínos locais na Paraíba é produzida em sistemas próprios da região, como a criação desses animais amarrados por corda.

Os produtores da microrregião estudada levavam em consideração, em suas criações, as fases de crescimento e terminação (50,5%), ciclo completo (38,8%), fases isoladas de crescimento (5,6%) e terminação (5,1%).

Foi computado, para a microrregião do Curimataú Paraibano, um total de 1.100 suínos, com a representatividade de 74,7%, 14,5%, 7,9% e, 2,9% dos entrevistados criando de 01 a 05, de 06 a 10, de 11 a 19 e, de 22 a 71 animais, respectivamente. Logo, pode-se considerar os entrevistados como pequenos produtores familiares, pois, em sua maioria, criam, no máximo, 05 cabeças de suínos.

Através da ACM, utilizada na avaliação do sistema de produção dos suínos locais, observou-se distinção entre os grupos, analisando-se concomitantemente as

seguintes variáveis: (1) sistema de produção: extensivo sem contenção, extensivo com contenção e semi-extensivo; (2) importância econômica da criação de suínos para as famílias pesquisadas: primeira, segunda, terceira e única importância.

Identificou-se um grupo distinto com 05 variáveis: sistema extensivo com contenção, sistema semi-extensivo, primeira, segunda e

terceira importância econômica, para o qual se atribuiu a classificação I. Essas variáveis representam a dimensão 1 (Dim1) da ACM. Enquanto que, na Dim2, foi identificada a variável sistema extensivo sem contenção, formando o grupo II e, na Dim3, a variável de importância econômica única para os criadores, caracterizando o grupo III (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição das variáveis em função dos resultados de sua dimensão, através da ACM

Variáveis	Dim1	Dim2	Dim3
Primeira importância	0,17		
Segunda importância	0,50		
Terceira importância	0,21		
Única importância	0,02		0,93
Extensivo sem contenção	0,00	0,53	
Extensivo com contenção	0,40		
Semi-extensivo	0,56		

As variáveis que formaram a Dim1 estão estreitamente relacionadas do ponto de vista da pequena produção, já que 91,6% dos criadores de suínos locais praticavam o sistema extensivo com contenção e 5,1% o sistema semi-extensivo, sendo os suínos, para a maioria desses criadores, uma importante fonte de renda familiar, aliada à utilização de restos da agricultura na alimentação dos animais. Apenas 3,3% afirmaram criar seus animais soltos, caracterizando um grupo diferenciado dos demais. O mesmo ocorreu com um único criador que afirmou que os suínos eram a única fonte de renda familiar.

De acordo com os resultados obtidos em relação ao tempo de permanência na criação de suínos na microrregião pesquisada, 33,4% representam os criadores que estavam na atividade suinícola no período de até 04 anos e 66,6% entre 05 e mais de 50 anos, evidenciando-se um experiência de, no mínimo, 05 anos. Portanto, há que se aproveitar os conhecimentos desses criadores de suínos locais para a manutenção desse patrimônio genético, que vem sendo cultivado, durante muitos anos, tanto pela

necessidade, pela sobrevivência de famílias produtoras, quanto, exclusivamente, pelo prazer que muitos afirmaram ter com a criação de suínos, mesmo com as adversidades sociais, comerciais e econômicas do meio.

Verificou-se que 11,7% dos entrevistados além de comercializarem diretamente os animais vivos e/ou a carne, mantinham a produção para o próprio consumo. O processo de abate desses animais geralmente era efetuado nos próprios domicílios. Os 88,3% restantes não produziam para o consumo nem abate, somente para comercialização.

A comercialização de suínos no universo estudado deixou transparecer uma certa vulnerabilidade, visto que era praticada sem avaliação de custo/benefício ou de mercado, ao mesmo tempo em que os comerciantes intermediários, conhecidos como "marchantes", faziam sua própria lei de mercado, oferecendo aos criadores, também fornecedores, preços muito inferiores aos praticados na venda da carne suína no mercado, acarretando, na maioria das vezes, prejuízo para os criadores, pois esses eram,

ao mesmo tempo, os compradores da carne no mercado.

Os criadores envolvidos nesta pesquisa tinham na criação suinícola, além da manutenção da tradição, transmitida de pai para filho, o prazer pelo cultivo desses animais. Talvez esses dois fatores, tradição e prazer pela criação, tenham sido responsáveis por 88,3% de praticantes da comercialização sem muita preocupação com leis de mercado, ainda que, possivelmente acarretando em prejuízos.

Outro fator importante na continuidade dessa atividade é o aproveitamento dos excedentes agrícolas e resíduos da alimentação humana, que reduz quase que totalmente os gastos com a alimentação dos suínos. Esse custo, aparentemente zero, faz supor que existe lucro na comercialização dos suínos na microrregião estudada. O que nem sempre é verdadeiro, pois os criadores reclamam muito do preço da venda dos animais, que é muito baixo não compensando a criação, fato que induz à desistência de muitos nessa atividade.

Ao se analisar o mercado econômico, percebe-se que ele é regido pelas leis que seguem vários critérios de oferta e de procura, por exemplo: quanto mais produtos no mercado, menor preço, sendo o contrário verdadeiro também. Sobre os suínos locais, 88,3% dos criadores praticavam a comercialização sem calcular custo/benefício e visando uma margem de lucros ou um aumento na arrecadação financeira familiar que, da maneira que era praticada, dava uma falsa impressão de custo zero e, na realidade, não resultava em lucros concretos. Ocorre que os criadores familiares não detêm informações sobre o mercado e sobre as leis de oferta e de procura, necessitando, portanto, de mais informação para continuar na atividade, com obtenção de lucros e agregação de valor ao produto. Para uma avaliação comercial e econômica da atividade suinícola, necessita-se de mais estudos, incluindo uma avaliação de

mercado local, para servir de base e incentivo ao planejamento, à melhoria dos sistemas de criação e conseqüentemente, à conservação dos suínos locais.

A importância econômica da criação dos suínos para as famílias produtoras no Curimataú Paraibano verificada neste estudo situa-se entre segundo e terceiro lugar na fonte de renda familiar desses produtores, não podendo ser desprezado seu potencial para a geração de renda, pois foi observado que 11,8%, 44,3%, 43,4% e 0,5% têm os animais como primeira, segunda, terceira e única importância econômica, respectivamente.

Em relação à renda principal das famílias produtoras (Figura 2), verifica-se que 26,6%, 15,6%, 14,3% e 9,1% provêm da aposentadoria, salário, agricultura e programas federais de assistência social (bolsa escola, bolsa família), respectivamente. De maneira geral, essas principais fontes de renda são responsáveis pela manutenção de todos os membros da família. Os outros 29,2% correspondem à renda oriunda de diversas atividades exercidas e/ou fontes, concomitantemente, como a agrícola e a pecuária, mais a aposentadoria e o comércio, atividades dos autônomos. Enfim, diversas atividades de menor expressão percentual no universo estudado, porém não menos importantes financeiramente.

Os programas federais de assistência social têm uma boa representatividade dentro do universo pesquisado, demonstrando sua importância, uma vez que estão trazendo subsídios para atenuar a condição de fome, miséria e pobreza da população referencial. Em contrapartida, os governos federal, estadual e municipal têm inteira responsabilidade em, além de desenvolver os programas assistencialistas, que são de ordem imediata, promover o desenvolvimento rural sustentável.

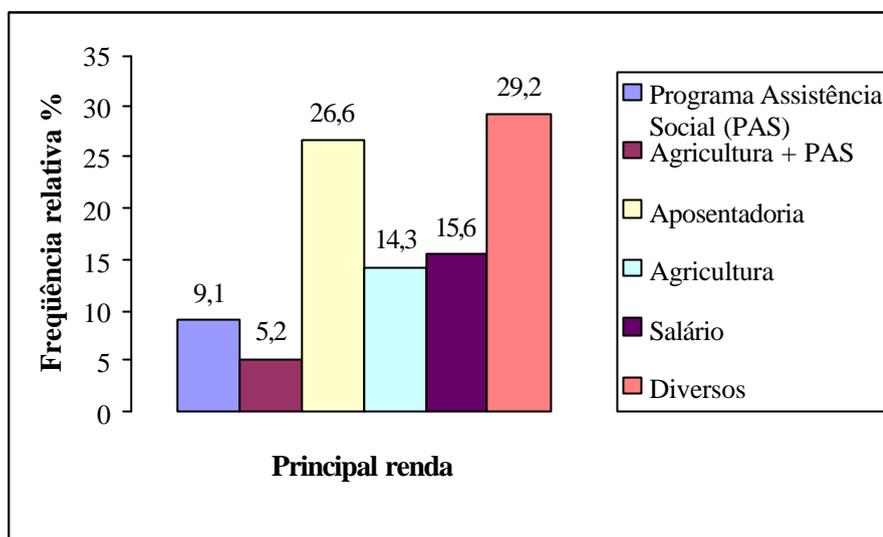


Figura 2. Distribuição de frequência das principais rendas das famílias produtoras, na microrregião do Curimataú Paraibano, 2006

Ao serem somadas as duas principais fontes de renda em percentual, 26,6% e 29,2%, obtêm-se 55,8%, perfazendo a maioria. Observou-se que as famílias produtoras de suínos locais eram pessoas com baixa renda, mantidas pelos patriarcas ou pelas matriarcas, através de suas aposentadorias (26,6%) e/ou sobreviviam de diversas pequenas fontes, adquiridas concomitantemente.

Grande parte dos suínos criados no Nordeste do Brasil caracteriza-se por uma atividade de subsistência familiar que desenvolve um papel de grande importância socioeconômica, sobretudo, para populações que vivem no meio rural, especialmente pela fácil adaptabilidade dos suínos às diversas condições, nem sempre favoráveis à exploração do potencial animal, mas que ainda assim, contribuem para a diversificação de produtos, segundo afirmação de Silva Filha et al. (2006). Essa atividade poderia deixar de ser apenas uma atividade de subsistência e passar a gerar maiores rendas para as famílias produtoras,

se explorada em seu potencial dentro das condições regionais, com melhorias no sistema de criação, assistência técnica e informação aos criadores.

Na cadeia da suinocultura, segundo Fávero (2003), o produtor historicamente é o elo mais fraco, o mais desorganizado, o mais descapitalizado e com menor grau de profissionalização. O grande número de pequenas unidades produtoras de suínos, bem como sua dispersão geográfica, dificulta a organização dos produtores, enfraquecendo o poder de negociação no processo de determinação dos preços.

A suinocultura local, dentro da cadeia produtiva animal, no Nordeste, possui uma importância subestimada pela sociedade. Considerar a criação de suínos como atividade meramente de subsistência é negar a função social e econômica que essa atividade possui. Para uma mudança da imagem que a criação de suínos locais possui atualmente, é necessário mostrar quais as vantagens que este ramo da pecuária possui, quando criada de maneira

racional e planejada.

O estabelecimento de uma política pública de difusão de conhecimento aos pequenos criadores de suínos locais, de abastecimento de insumos, principalmente de milho, melhoria na organização da produção, evitando-se o excesso de oferta e o crescimento do mercado interno e externo, para a carne suína local, aliado às pesquisas no setor, poderão garantir melhores preços para o suíno e, conseqüentemente, melhor remuneração para seus criadores, tornando a atividade menos vulnerável do ponto de vista econômico.

CONCLUSÕES

Os suínos locais estudados, mesmo em situações precárias e adversas, fornecem proteína de origem animal e renda aos seus criadores, sendo mais utilizado o sistema de criação extensivo com contenção, que poderá ser melhorado em condições locais. A microrregião analisada possui um potencial para criação dos suínos locais maior do que o atualmente explorado. A situação encontrada na produção dos suínos locais na microrregião do Curimataú Paraibano necessita de pesquisas e políticas públicas visando melhorias no setor e a conservação desse valioso patrimônio genético.

REFERÊNCIAS

ABIPECS. Associação Brasileira Ind Prod Exp Carne Suína. **Carne suína brasileira**. 2007. Disponível: <<http://www.abipecs.org.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2007.

APARÍCIO, M. A.; VARGAS, J. D.; CAMPAGNA, D.; ZAPATA, J.; MARTÍNEZ,

C. EYHERABIDE; O'DUYER, P. Tamaño de las Explotaciones Porcinas en Extremadura y Santa Fe. **Archivos de Zootecnia**, v.53, n.204, p.399-402, 2004.

BUERKLE, T. **Iniciativa pionera para proteger los recursos zoogenéticos a nivel mundial**. FAO, 2007. Disponível em: <<http://www.fao.org/newsroom/es/news/2007/1000655/index.html>>. Acesso em: 18 set. 2007.

EGITO, A. A; ALBUQUERQUE, M. S. M; SERENO, J. B. R; CASTRO, S. T. R.; MARIANTE, A. S. Situación actual de la Exploración de Cerdos Naturalizados en Brasil. In.: DELGADO, J. V. **Biodiversidad Porcina Iberoamericana: caracterización y uso sustentable**. Córdoba, España: Universidad de Córdoba, 2004. p.33-47.

EMBRAPA SUÍNOS E AVES. **Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos - LSPS**. 2006. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/?ids=So6f90o4t>>. Acesso em: 16 out. 2006

FÁVERO, J. A. (Coord.) **Produção suínos**. Apostila sistema de produção de suínos. Embrapa Suínos e Aves. Versão eletrônica, jul. 2003.

GUANZIROLI, C. E. e CARDIM, S. E. DE C. S. **Novo retrato da agricultura familiar: O Brasil redescoberto**. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica INCRA / FAO. Brasília, fevereiro de 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatísticas, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pb>>. Acesso em: 26 set. 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatísticas, 2003. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelagrandes_regioes211.shtm>. Acesso em: 26 set. 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE

GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2003a.

Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em:
25 jun. 2006.

NICOLAIEWSKY, S; WENTZ, I; COSTA, O. A. D.; SOBESTIANSKY, J. Sistema de produção de suínos. In: SOBESTIANSKY, J; WENTZ, I; SILVEIRA, P. R. S.; SESTI, L. A. C. **Suinocultura intensiva: produção, manejo e Saúde do Rebanho**. Brasília: Embrapa, 1998. p. 11-26.

PÉREZ, F. A. C.; SIERRA, J. R.; ORTIZ, A. M.; ORTIZ DE MONTELLANO, J. G.; ROMUALDO, E. M. A. Canal. morfometría del Cerdo Pelón en Yucatán. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO SOBRE LA CONSERVACIÓN Y UTILIZACIÓN DE RECURSOS ZOOGENÉTICOS, 6., 2005. **Anais...** Chiapas, México, 2005. CD-ROM.

SAS - Statistical Analysis System. **Institute - user's guide** : statistics. Cary. 1999. CD-Rom.

SERENO, J. R. B. F. T. P. S. SERENO. Recursos genéticos animales brasileños y sus sistemas tradicionales de explotación **Archivos**

de Zootecnia, v.49, n.187, p.405-414, 2000.

SILVA FILHA, O. L.; ALVES, D. N.; SOUZA, J. F.; PIMENTA FILHO, E. C.; SERENO, J. R. B.; SILVA, L. P. G.; OLIVEIRA R. J. F.; CASTRO, G.

Caracterização da criação de suínos locais em sistema de utilização tradicional no estado da Paraíba, Brasil. **Archivos de Zootecnia**, v.54, n.206-607, p.523-528, 2005.

SILVA FILHA, O. L.; SOUZA, JAENE F.; OLIVEIRA, ANGELO S.; PIMENTA FILHO, EDGARD C.; SILVA, LUDMILA P. G.; OLIVEIRA, ROBSON J. F.; SERENO, JOSÉ R. B. Perspectivas produtivas de suínos locais na região do Curimataú, Estado da Paraíba, Brasil. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO SOBRE CONSERVACIÓN Y UTILIZACIÓN DE RECURSOS ZOOGENÉTICOS Y I TALLER HISPANO-BOLIVIANO SOBRE EL USO SUSTENTABLE DE LAS RAZAS CAPRINAS LOCALES EN ÁREAS MARGINALES, 7., 2006. **Anais...** Cochabamba, Bolívia, 2006.

Data de recebimento: 04/10/2007

Data de aprovação: 09/01/2008